

Imagens cedidas e palavras não ditas:
uma análise da cerimônia de
abertura dos jogos olímpicos
de Pequim

Given images and unspoken words:
an analysis of the Beijing
Olympic Games opening ceremony

ANA CAROLINA ROCHA PESSOA TEMER

Doutora e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Especialista em Sociologia pela Universidade Federal de Uberlândia e Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autora dos livros **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo** e **Para Entender as Teorias da Comunicação**. Professora e vice-coordenadora do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Goiás – UFG – Goiânia/GO – Brasil.

E-mail: anacarolina.temer@gmail.com

RESUMO

Este ensaio dá sequência a um estudo anterior sobre gêneros híbridos e foi desenvolvido em paralelo, como análise complementar, a uma pesquisa mais ampla sobre a representação dos negros e afrodescendentes na mídia. O trabalho faz um estudo sobre a transmissão da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos pela Rede Globo de Televisão, a partir dos conceitos de Guy Debord sobre a Sociedade do Espetáculo, procurando demonstrar como essa cerimônia reproduz, em menor escala, as desigualdades sociais, políticas e econômicas do mundo atual.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros – televisão – sociedade do espetáculo.

ABSTRACT

This essay follows a previous study regarding hybrid genres and was developed parallel to it, as a complementary analysis, to a broader research about the representation of blacks and African-descendants in media. The project studies the transmission of the Olympic Games opening ceremonies made by Rede Globo de Televisão (Brazil) based on Guy Debord concepts about the “Society of Spectacle”, trying to show how this ceremony reproduces, in a smaller scale, social, political and economic dissimilarities in modern world.

KEY-WORDS: genres – television – society of spectacle.

Vivemos hoje em um planeta unido por imagens. O advento da televisão via satélite, mais do que a fotografia e o cinema, permite que diferentes pessoas de diferentes países, religiões, orientações políticas costumes e gostos pessoais se coloquem em um mesmo momento em frente à telinha para acompanhar ao vivo um sem número de atividades de maior ou menor importância ou impacto jornalístico.

No entanto, embora algumas dessas transmissões sejam alavancadas por critérios jornalísticos ou estejam relacionadas à cobertura de fatos jornalísticos, outras ocorrem em função de eventos pré-agendados que envolvem espetáculos grandiosos feitos sob medida para atrair a atenção do público.

São eventos/espetáculos com data marcada, convidados especiais e a promessa de algumas surpresas pirotécnicas, em geral anunciadas como a superação de um evento semelhante anterior. Encaixa-se neste modelo a transmissão de um considerável número de shows musicais, muitos deles previamente vinculados a estratégias para arrecadar fundos para causas meritórias. São acontecimentos que se destacam pela participação de nomes conhecidos das mídias, figuras de destaque no mundo dos shows, mas que também chamam a atenção em função de um público presencial numericamente significativo, e que por si só já comprova a grandiosidade do evento e justifica a sua transmissão para as telinhas pelo mundo afora.

Fazem parte destes marcos televisivo também a abertura e o encerramento das grandes competições esportivas, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Esse estudo tem por objetivo a análise de um desses eventos: a abertura dos Jogos Olímpicos em Pequim, em 2008.

A escolha desse evento está diretamente ligada a sua importância e significado, já que poucos eventos conseguem interligar de forma tão eficiente o show, a política e a economia, e ao mesmo tempo envolver atores/participantes de inúmeros países, culturas e religiões, e ser igualmente transmitido e assistido em diferentes partes do mundo.

Uma explanação sobre a questão do gênero na televisão

Gêneros são categorias a partir das quais podemos agrupar trabalhos semelhantes, que refletem um momento da sociedade, auxiliando a produção e leitura destes trabalhos. O uso do termo nasce na literatura é utilizado para categorizar os textos como dramáticos, líricos e épicos. Muito mais tarde essa noção é transposta para a produção dos meios de comunicação, que também estabelecem seus processos de definição de gênero.

Os meios de comunicação de massa usam os gêneros como recurso para atender às necessidades de padronização de produto, oposto ao conceito literário de um trabalho de autoria. Dessa forma, gêneros não são categorias neutras, mas “construtos ideológicos que fornecem e reforçam uma pré-leitura” (FEUER, 1987, p. 118), direcionando os receptores para um processo de “naturalização” da ideologia dominante.

O gênero é também um tipo de contrato: “um acordo no qual emissor e receptor reconhecem que se comunicam e o fazem por razões compartilhadas” (JOST, 2004, p. 9).

Em termos práticos, a classificação por gênero muda de acordo com o veículo. No jornal impresso, cuja finalidade é a divulgação de notícia, é mais aceita uma classificação inicial por publicidade e jornalismo e, em seguida, uma subclassificação a partir dos gêneros jornalísticos (que podem ser, entre outras possibilidades de classificação, informativos, opinativos e analíticos). Já na televisão, com seu conteúdo predominantemente voltado para o entretenimento, os produtos jornalísticos se tornam gêneros específicos dentro do conjunto da programação.

Os gêneros, portanto, são “sistemas de orientação” que fornecem antecipadamente ao receptor um contexto interpretativo e controlam ideologicamente a audiência. No entanto, os gêneros não são estáticos e evoluem em função da tecnologia e, principalmente, de uma relação do mercado com o seu consumo cotidiano.

De fato, na busca constante por alternativas de conquista de audiência, os meios massivos inventam “novas experiências”, hibridizam e criam novos gêneros. Além disso, os gêneros mudam internamente de conteúdo. Esse é

o caso, por exemplo, do jornalismo de televisão – telejornalismo – que a cada dia aumenta a “...cobertura de notícias sobre comportamento, interesse humano, programas de televisão, filmes, música, moda, previsão do tempo e esporte” (AGUIAR, 2008, p.15). Enfim, um conjunto de conteúdos que aproximam o jornalismo do entretenimento.

Nesse processo de permanente mudança, as transmissões de grandes espetáculos têm sido um espaço híbrido, pois, mesmo permanecendo como entretenimento, o gênero assume técnicas do jornalismo. O grande espetáculo se impõe, portanto, como um modelo diferenciado de programa, não apenas em função dos recursos técnicos que requisita, mas por se tratar de um material que será obrigatoriamente re-editado e utilizado pelos telejornais e que, em muitos casos, utiliza equipes de jornalismo para valorizar os processos de transmissão.

Esse espaço de entretenimento, mas com um gostinho de material informativo, é por excelência, híbrido e em função disso merece uma atenção diferenciada. Dentro dessa proposta, o espetáculo da abertura dos Jogos Olímpicos em Pequim se apresenta como um espaço privilegiado de análise, ainda que por si só não esgote as possibilidades do gênero.

A sociedade do espetáculo

Fuerbach nos alerta que, no nosso tempo, se “prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser” (in DEBORD, 1997, p. 13). Não por acaso, esse trecho inicia o livro de Debord que continua afirmando igualmente que “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo que era vivido diretamente torna-se uma representação” (idem, ibdem).

Nessa sociedade, o entretenimento ganha um espaço privilegiado dentro das mídias, pois representa um esforço para desviar a atenção do público dos assuntos econômicos e políticos e, também, “proporcionar uma válvula de distração, de prazer e de diversão às pessoas, ora ajudando-as a uma ruptura com a vida real (por meio da evasão para uma realidade diferente da viven-

ciada rotineiramente, ora promovendo a formação intelectual” (DJAVITE, 2008, p. 39)

A partir dessa perspectiva, o que entendemos exatamente quando falamos dos jogos olímpicos? Essa pergunta, utilizada por Pierre Bourdieu (1997, p.123) para começar sua explanação sobre o tema, remete a muitas respostas.

Certamente falamos dos jogos propriamente ditos, que são a celebração da capacidade humana¹ e um rito de socialização, no qual o homem tenta sublimar seus instintos destrutivos por meio manifestações controladas de força e vigor. Mas também se trata da reconstrução de um ritual histórico², de um processo de criação de ídolos e de reafirmação de força e poder.

Mas se trata também de um conjunto de representações fragmentadas, uma série de disputas, ao mesmo tempo, isoladas por categorias e somadas em resultados finais artificializados a partir de interesses diversos de cada país.³ Dessa forma, as olimpíadas se constituem em um “objeto duplamente oculto, já que ninguém vê a sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade”. (BOURDIEU, 1997, p. 124).

Nesse conjunto, a cerimônia de abertura pode ser entendida como uma síntese ainda mais grandiosa desse espetáculo, pois reúne em si mesma toda uma dinâmica de processos produtivos da produção da imagem, na qual “forma e conteúdo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente” (DEBORD, 1997, p. 15). Além disso, a cerimônia de abertura – como síntese dos próprios jogos olímpicos – é um material que explica a lógica do evento e o elemento que divulga e justifica as competições que virão a seguir. Assim essa cerimônia, ao mesmo tempo em que tem uma função própria dentro do grande espetáculo olímpico, é parte inegável desse espetáculo e, tanto como uma parte quanto como integrante de um conjunto (os próprios jogos olímpicos), é igualmente um produto comercial, dependente de um suporte publicitário que obedece à lógica do mercado.

Nesse sentido o próprio processo estratégico de produção da cerimônia de abertura – assim como dos jogos propriamente ditos – é arquitetada de forma a atingir um público mais amplo possível, adaptando horários e conteúdo

para atrair uma parcela significativa, integrando a assistência ao vivo (tanto local como visitantes estrangeiros) como parte de uma grande espetáculo que visa sobretudo a atrair receptores de imagens em países economicamente representativos.

Tem-se, portanto, que a cerimônia de abertura dos jogos olímpicos é um grande espetáculo televisivo. Como espetáculo e como produto – algo produzido a partir de uma noção artificializada do real, o real adaptado ao gosto palatável do público – a cerimônia de abertura dos jogos olímpicos, com seus balés e desfiles de delegações internacionais, recria imagens do mundo, das relações sociais, econômicas e políticas do mundo moderno, re-significando ideais e conceitos como integração e globalização.

É justamente para entender como a mídia brasileira interpreta e reconstrói esses significados que o presente estudo se desenvolve. O objetivo, portanto, é entender como a mídia internacional, capturada e narrada a partir dos locutores oficiais da Rede Globo de Televisão, interpreta esse espetáculo em sua dimensão conceitual e simbólica, uma vez que “o espetáculo, como a sociedade moderna, está ao mesmo tempo unido e dividido. Como a sociedade, ele contrói sua unidade sobre o esfacelamento” (DEBORD, 1997, p. 37).

No espetáculo, “uma parte do mundo se representa diante do mundo que lhe é superior” (DEBORD, 1997, p. 23). Ou seja, o material transmitido pela televisão é mais do que o registro de um momento, pois é também um instrumento de criação de uma realidade, uma forma de interpretação de relações sociais, políticas e econômicas dos grupos sociais nela representados, moldada e re-elaborada por interesses que conflitam e reafirmam os interesses dos produtores originais do evento.

É a partir desse conjunto de conflitos, que trata de um produto que convém a todo mundo, que reafirma coisas já sabidas, mas também aponta uma conflituosa relação entre um espetáculo internacional e internacionalizado e a sua transmissão para o público local a partir da visão hegemônica da emissora de maior audiência nacional, que esse trabalho se desenvolve.

Nesse sentido, ele se concentra, principalmente, na representatividade dada aos participantes desse espetáculo, que se constituem em atores sociais⁴ relevantes, cujos papéis são reinterpretados a partir de interesses globais e lo-

cais da mídia televisiva. Por sua vez, o objeto desse trabalho – a transmissão da cerimônia dos Jogos Olímpicos de Pequim, pela Rede Globo de Televisão – é visto como parte estratégica para consolidar o destaque que a Rede Globo deu às olimpíadas de Pequim, em função de interesses econômicos significativos envolvidos na cobertura desse evento.

A perspectiva teórica que envolve essa análise, como fica claro a partir das definições acima, é a da Sociedade do Espetáculo de Guy Debord, entendendo que “a sociedade modernizada até o estágio do espetacular integrado se caracteriza pela combinação de cinco aspectos principais: a incessante renovação tecnológica, a fusão econômico estatal, o segredo generalizado, a mentira sem contestação e o presente perpétuo” (1997, p. 175).

Direto de Pequim

Embora o objetivo confesso do evento pouco tenha mudado desde sua versão clássica, as olimpíadas estão contaminadas pelas conflituosas relações políticas que assombram o mundo desde o século passado e que prosseguem recicladas, mas igualmente tumultuadas, no século atual. De fato, a cada edição das olimpíadas torna-se mais evidente suas ligações comerciais e o seu uso como vitrine para reafirmações de poder de governos e grupos políticos.

Dessa forma, o espetáculo esportivo propriamente, o “confronto de atletas vindos de todo o universo que se realiza sob o signo de ideais universalistas” (BOURDIEU, 1997, p.123) funciona também como um espelho distorcido que reflete as particularidades de um momento, de uma situação social e política única.

Para entendermos melhor a construção dessa representação, é necessário destacar que a cobertura de uma olimpíada começa bem antes da transmissão da cerimônia de encerramento dos jogos olímpicos anteriores, quando a cidade sede faz a entrega simbólica dos trabalhos para a cidade que irá receber os próximos jogos. A própria escolha das cidades que irão hospedar o evento é tema de debate e especulação por parte da imprensa e envolve campanhas e estratégias que contam com participação de especialistas e famosos, além de interferência direta ou indireta de empresas e governos.

Dessa forma, a escolha da cidade de Pequim, capital do país que cresce economicamente com maior velocidade nesse século, é emblemática. Também é referencial obrigatório a constatação de que o Governo Chinês concentrou todos os esforços para dar a maior visibilidade possível ao evento (e ao próprio país), investindo em um conjunto de edificações que se destacam pela grandiosidade e pela criatividade.

Assim, seria uma decepcionante surpresa se a cerimônia de abertura não trouxesse o melhor e o mais significativo que o país tinha a oferecer. E a China fez questão de não decepcionar os olhos do mundo.

Na grandiosidade do evento, no entanto, as “diversas oposições podem aparecer segundo critérios bem diferentes, como sociedades totalmente distintas” (DEBORD, 1997, p. 38), revelando pequenos detalhes e apontando elementos impensados.

Como é comum em cerimônias desse porte, a proposta inicial é uma mistura do velho e do novo, da tradição com a inovação. Em Pequim, o novo foi representado pelas crianças, que, vestidas com trajes de diferentes etnias, representavam o futuro do país. Essa mistura étnica – que, mais tarde, se soube ser falsa, pois todas as crianças eram de uma única etnia e estavam apenas “fantasiadas” com trajes das demais – é orgânica e desorganizada, alegre e barulhenta, cede o espaço e a bandeira dos jogos a militares controlados e organizados, que prosseguem a cerimônia de hasteamento da bandeira olímpica. É o governo (militar ou militarizado) controlando seu povo.

Segue-se então um grande espetáculo, cuja ênfase está nas relações comerciais da China com o restante do mundo – a China, por exigência, o país do meio⁵ – é colocada no centro, e dela partem todas as rotas e todas as inovações das quais o mundo se apodera e desvirtua. Nesse conjunto a China é representada sempre por multidões de atores bailarinos, que impressionam pela harmonia. As formas humanas se multiplicam em tal proporção que lembram exércitos de formigas, mas interagem com tal perfeição de movimentos chega a despertar dúvidas de que se trata de uma máquina ou de movimentos programados pelo computador. O homem máquina, a multidão coordenada, representa a China antiga vestida de ouro, a China das descobertas, do comércio e das invenções. A essa China se sobrepõe uma China moderna, vestida de

luzes. Em ambas, a mensagem é uma só: o volume humano que impressiona, a organização que causa espanto.

Números que impressionam, sem dúvida, mas que também mostram a nova China globalizada, mas que canta em chinês músicas ocidentais, que mantém vivo o olhar para os chineses que levaram a sua cultura para o ocidente, e privilegia a cantora que, não tendo nascido na China, permanece chinesa na essência.

Mas essa é também a China censurada, que risca da história episódios que considera inconvenientes. É a China editada para olhos chineses e não chineses.

A China aberta

Dando sequência à versão espetacularizada da história chinesa, tem início o desfile das delegações. Trata-se igualmente de um espetáculo de grandes proporções e envolve uma logística considerável, já que, entre o desfile e a ida e volta dos atletas a seus alojamentos ou locais de treino, pode-se perder até seis horas.⁶ É previsível, portanto, que muitos deles estejam ausentes, inclusive os atletas mais importantes (ou mais conhecidos) de várias delegações.

Mesmo ofuscado pela brilhante representação da China recriada por ouro e luzes, o desfile de 204 delegações, representando países e eventualmente regiões,⁷ impressiona.

Tradicionalmente, como país que “criou” as olimpíadas, a delegação da Grécia inicia o desfile. Após essa apresentação, segue-se o desfile em ordem alfabética, o que, no caso de Pequim e dos ideogramas chineses, representou uma estranha combinação dos nomes modernos com a revitalização de uma antiga classificação pelo número de ideogramas.

De uma forma geral o desfile é calmo e as delegações são aplaudidas. Mas o ritmo é intenso e quem acompanha a narração mal ouve os nomes dos pequenos países e pouco vê as suas pequenas delegações, cujas chances de medalhas são ainda menores. Sutilmente ignorados, esses países apenas são destacados quando surge um ou outro atleta mais famoso, ou quando algum

nome significativo, que optou pela naturalização como forma de participar dos jogos, faz parte do grupo.

De fato, essas delegações apenas se destacam pela ausência de uniformização (ou de um uniforme comum usado pelos atletas) e por um certo orgulho exótico – como no caso dos africanos com turbantes e trajés étnicos coloridos. Um contraste significativo com os países do lado oriental do antigo bloco da União Soviética, ex-comunistas ocidentalizados, mais europeus do que os europeus em seus terninhos desconfortáveis e impecáveis.

As grandes delegações dos países ocidentais economicamente fortes são recebidas com mais atenção. Mesmo não estando presentes, times e atletas individualmente são lembrados, tradições de conquistas são comentadas e campeões reafirmados. Nesses casos também é regra mostrar as autoridades ou personalidades do país que acompanham o desfile na tribuna de honra: representantes da família real inglesa que dignificam a torcida, políticos, ex-atletas envelhecidos em cargos que também têm afinidade com a política aplaudem os participantes. A continuidade dos sempre vencedores trazendo novos campeões a cada olimpíada.

Ainda que se fale em mundialização ou globalização, a regularidade dos traços fenótipos raciais nas delegações é visível, sendo que os narradores se esforçam para explicar as poucas exceções – como no caso da atleta negra que conduz a bandeira da Suíça e do atleta também negro que leva a bandeira Portuguesa.

As delegações americanas, é claro, não correspondem à regularidade dos fenótipos raciais. Nesses casos prevalece uma indisfarçável mistura de fenótipos europeus, orientais (muitos turbantes asiáticos na delegação Canadense), negros e mestiços de todos os tipos.

A África disseminada, mas não integrada, e a América conquistada, na qual os menos presentes são os ameríndios. Estes, aliás, estão quase ausentes no desfile que, segundo os narradores, é a festa para todas as raças e para todos os países, o espaço onde não existem diferenças de cor ou de origem.

A delegação do Brasil, é claro, é animada e mestiça. Mas faltam os nomes mais importantes, uma ausência justificada pelas disputas a que terão de participar nos dias seguintes, e injustificada, pela dramática narrativa de

Oscar Smith que, atuando como comentarista da Rede Globo, lamenta repetidas vezes só ter desfilado uma vez e não ter aceitado carregar a bandeira brasileira quando foi convidado. Ainda assim, os locutores tentam trabalhar com o que lhes é oferecido e destacam possibilidades, fazem ligações para os atletas abrindo espaço para que eles possam dar declarações óbvias sobre a beleza da festa, a emoção de participar e todos os clichês que se encaixam no momento.

O apelo tecnológico é incessante. Além do destaque dado a cada um dos sofisticados recursos usados nas transmissões, nas grandes delegações todos tiram fotos o tempo todo. Celulares, filmadoras e máquinas digitais encaram as câmeras de televisão em um diálogo de imagem. Muitos falam “direto do gramado do campo” com os amigos e parentes distantes em seus pequenos celulares. O mundo ligado via satélite, em que o indivíduo ignora o outro indivíduo que está a seu lado, se interpõe à integração forçada na área onde o desfile se finaliza, na qual não existe delimitação para as delegações

Para preencher a narração com uma verborragia incessante, alguns temas são recorrentes. Em Pequim um deles é o clima: o previsível calor do verão é destacado pelo foco nos atletas suados e motivo de várias especulações – quem será prejudicado e quem será beneficiado por ele. O tema também ganha um toque pitoresco nas delegações dos países do norte europeu que se vestem como turistas com chapeuzinhos e trajés alegres, não se sabe bem se para suas férias tropicais ou para os esportes de verão.

Outro tema é o *doping*, o uso de drogas legais ou ilegais. As proezas químicas e as constantes lesões dos atletas – apontados como modelos de juventude para o mundo – também incessantemente citados, deixam uma dolorosa impressão de que, espetacularizado, o esporte ultrapassou os limites do corpo humano e mais promove o desgaste do que a boa forma física idealizada. Quase em sequência a questão da eugenia é igualmente tema recorrente. A China é diretamente acusada pelos “casamentos providenciados pelo partido” para obter tipos físicos ideais e de recrutar crianças a partir de características físicas desejáveis para alguns esportes.

Mas o tema também está embutido na “tradição” de alguns países, nas escolas de formação de atletas, no recrutamento de jovens a troco de salários e benefícios e até mesmo em algumas naturalizações descritas como forma de melhorar a qualidade dos esportistas.

Na festa da paz os conflitos, políticos e econômicos, também são temas recorrentes. A narração faz suspense instigando a curiosidade sobre como os chineses vão receber a delegação japonesa, antigos rivais, mas eles aplaudem educadamente os japoneses, alegremente os russos e cubanos, antigos camaradas, calorosamente os africanos, novos parceiros comerciais, e efusivamente os sudaneses, a quem apoiam na reivindicação de participar do Conselho de Segurança na ONU.

Curioso contraponto ao porta-bandeira da delegação Norte Americana – aparentemente a maior a desfilar⁸ – um atleta nascido no Sudão e naturalizado americano que, segundo os narradores, foi escolhido como forma de protesto ao massacre feito em seu país com armas chinesas.

As referências políticas continuam. Curiosamente encravada no desfile entre Russos e Americanos, a Síria é discretamente mencionada. A Namíbia, citada como “áfrica branca”, é colocada em oposição à “áfrica negra”. Os Argentinos, eternos rivais, são lembrados pelas crises e pelas poucas medalhas. A Palestina quase ignorada e os países da Oceania, coitados, assim como Veneza, estão afundando no efeito estufa.

O desfile se encerra, finalmente, com a imensa delegação chinesa vestida de vermelho, a cor nacional e amarelo, a cor da medalha de ouro. Simbolicamente, a delegação é comandada pelo maior jogador de basquete do país (que atua nos Estados Unidos), um exemplo do esforço eugênico do partido em construir “atletas ideais”, e pelo mais recente herói nacional, um menino sobrevivente do terremoto que, após um longo tempo soterrado, salva os colegas e a irmã, e ainda caminha sete horas para encontrar os pais. A história, ao mesmo tempo comovente e assustadora, é apontada como um paralelo da determinação e do esforço dos atletas chineses para em conquistar as medalhas não para si, mas para o seu país. Tudo isso tendo ao fundo uma saltitante equipe de apoio que pula e agita bandeirinhas e, sobretudo, não fica um único minuto parada durante as

várias horas que dura o desfile das delegações. A China mostra ao mundo o que ele vai encontrar.

Considerações finais

Em uma sociedade verdadeiramente democrática, os discursos devem refletir a realidade e possibilitar a plena compreensão e participação do cidadão nas instâncias de decisão. A Sociedade do Espetáculo, no entanto, é dominada pelo fetiche do icônico, e a relação entre os indivíduos é mediada por imagens (que substituem o real). A participação do indivíduo, portanto, não se dá pela ação, mas pela emoção. Conseqüentemente, as ações dos indivíduos não valem por si mesma ou pela utilidade imediata dessa ação, mas pela comoção emocional e pela carga sensacionalista que se extrai delas.

Nesse sentido, a televisão é o veículo por excelência da Sociedade do Espetáculo, pois trabalha com a lógica de espetacularização dos acontecimentos (BETTI, 1997), em uma relação sempre perpassada por aspectos mercadológicos. Caparelli entende que a televisão corrobora os objetivos capitalistas de produção: “[...] Além de ampliar o mercado consumidor da indústria cultural, a televisão age também como instrumento mantenedor da ideologia e da classe dominante” (1982, p. 4).

Transformado em mercadoria, o conteúdo das mídias volta-se cada vez mais para o entretenimento. No caso específico dos Jogos Olímpicos, a publicidade, associada aos meios de comunicação de massa, tem um papel de destaque. Um exemplo disso foram os Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles, ocasião em que as marcas, ícones e demais símbolos olímpicos renderam grandes somas de dinheiro, com o aparecimento do patrocinador, em uma consagração do marketing esportivo.

De fato, os jogos olímpicos têm fornecido um espaço propício para uma relação na qual a televisão, veículo publicitário por excelência, não apenas efetiva um processo de espetacularização da realidade, como também pode, dentro da lógica da Sociedade de Espetáculo, expandir ou consolidar espaços para comercialização de apoios comerciais, *merchandising* e outras estratégias de venda de espaço ou patrocínio.

Mas isso não é tudo. Assim como a notícia vem sendo contaminada pelo entretenimento, também o entretenimento assume características de informação e se deixa contaminar pelo formato jornalístico. De fato, “a fronteira entre jornalismo e entretenimento nunca foi nítida e a sobreposição é quase inevitável na contemporaneidade” (DJAVITE, 2008, p.41).

A ligação do entretenimento/espetáculo com o jornalismo tem início desde o momento em que se estuda a possibilidade de encaixar (ou não) esse evento na programação. De fato, essa escolha se dá não apenas em função do público-alvo em potencial (target), mas também em função de valores notícias⁹ tradicionais (personalidades envolvidas, consequência na vida dos receptores, agendamento – quais informações vinculadas ao evento vão gerar outras matérias jornalísticas). A importância do evento também determina qual a intensidade da cobertura jornalística, cobertura essa que igualmente pode servir para alavancar e promover o evento e, por extensão, a própria emissora que vai transmitir esse evento. Finalmente, após a realização do espetáculo, a sua gravação é picotada e reeditada para ser exibida e comentada nos telejornais.

Dessa forma, fecha-se, o ciclo. “Assim como a transmissão dos eventos está impregnada por formatos jornalísticos, por repórteres e comentaristas que participam dessa transmissão; também o telejornalismo é impregnado pelo espetáculo, uma vez que as notícias que entretêm ganham cada vez mais espaço nos veículos jornalísticos” (DJAVITE, 2008, p. 38).¹⁰

Lever (1983, p. 22) nos lembra que “...os jogos distraem e proporcionam uma pausa na vida real. As competições proporcionam emoção e drama, porque o resultado é incerto”. Ao transformar os jogos em um grande espetáculo, além dessa relação se estabelece também a noção de marco histórico. Assim, a cada Olimpíada começa uma nova era, um novo período de disputa, um recomeço no qual o passado (as revanches, as superações) ganham um novo significado.

Nesse sentido é importante que a cerimônia de abertura dos jogos funcione justamente como o ponto inicial desse marco histórico, momento em que se estabelecem as regras, as relações de cordialidade e de disputa. Ou seja, a cerimônia de abertura marca o momento simbólico onde se estabelece um “mundo dentro do mundo”, ou um espaço onde as relações de inimizade e disputas comerciais seriam substituídas pela cordialidade ou, como extremo aceitável, pela rivalidade

esportiva. Daí a necessidade, durante a narrativa desse espetáculo, da reafirmação constante de que as rivalidades existem, mas estão sendo temporariamente superadas pela olimpíada, pela competição, pela disputa esportiva.

Em função disso, pouco importa se a narrativa da cerimônia recorre sempre as mesmas fontes, se as informações são repetitivas, variando apenas a entonação, ou as características pessoais de cada narrador ou comentarista. Interessa muito mais a louvação, a reafirmação do momento e dos compromissos. E para isso a televisão é o veículo perfeito uma vez que, como nos lembra Bourdieu (1997), a informação na televisão e o volume de pessoas que ela atinge acabam determinando um *fast-food*, caracterizado pela homogeneização e pela superficialidade das informações, elaboradas para atender a todos os interesses e expectativas.¹¹

A cerimônia de abertura dos jogos olímpicos é também o momento ideal para se iniciar um processo de renovação dos ídolos esportivos. Novos atores são apresentados ao público, atletas conhecidos apenas em seus países têm a sua importância redimensionada. O Olímpo¹² ganha novos deuses ou, pelo menos, novos candidatos a esse posto. Nesse processo, os narradores e comentaristas têm um papel fundamental, pois é por meio da opinião deles que os receptores formam a imagem dos atletas, tomando-os como modelos de personalidade e mais tarde, dependendo é claro da trajetória desses esportivos, como formadores de opiniões. A figura dos desportistas é citada com admiração, destacada por suas habilidades e elevada à condição de modelo de virtudes, como exemplo para uma ascensão social.

O espetáculo da abertura dos jogos olímpicos é, portanto, o retrato simbólico de um mundo perfeito – o mundo da paz – onde as disputas se dão somente por meio do esporte. O mundo dos indivíduos fisicamente perfeitos e emocionalmente envolvidos, cada um disposto a dar o melhor de si mesmo. Curioso é apenas como a televisão tem necessidade de, para tornar o espetáculo ainda mais espetacular, sempre insinuar o conflito, de trazer para o mundo idealizado o mundo real. Claro, trata-se de uma forma de enfatizar os jogos como um momento especial, mas para fazer essa ruptura a televisão traz para dentro dos jogos um minúsculo pedaço da vida real.

Chama atenção também como, apesar de todos os cuidados para minimizar as diferenças, o desfile e, sobretudo, a transmissão dos jogos repetem as desigualdades da ordem econômica mundial. Na realidade, desde a escolha da sede dos jogos, a ordem econômica mostra a sua força, mas é no desfile que essa relação fica mais evidente.

Para o receptor, os países pequenos – meros figurantes no espetáculo – cumprem a sua parte. Compõem a tabela nas disputas que realmente importam e aqui e ali se destacam em esportes mais exóticos – afinal, o que eles são senão exóticos. Nesse conjunto de recortes cada vez mais colorido e editado, com cenas cada vez mais curtas e informações atropeladas e redundantes, o conteúdo é o que menos se destaca. A beleza fica nas luzes e nos sons, nos bailarinos e nas roupas, nos tambores e nos brilhos. Afinal, na Sociedade do Espetáculo é do espetáculo que do receptor deve simplesmente recordar.

NOTAS

1 O lema olímpico *Citius, Altius, Fortius* (“Mais rápido, mais alto, mais forte”, em latim) foi criado pelo monge francês Didon, amigo do Barão de Coubertin, em 1890.

2 Os primeiros Jogos Olímpicos eram realizados de quatro em quatro anos há mais de 2.700 anos na Grécia Antiga. A competição era uma celebração de tributo aos deuses. O imperador Teodósio I terminou com os Jogos entre os anos de 393 e 394. Todas as referências pagãs da antiguidade deveriam ser interrompidas. Em 1894 o Barão de Coubertin organizou um congresso internacional em 23 de Junho de 1894 na Sorbonne em Paris para criar o Comitê Olímpico Internacional (COI). Dois anos depois foram realizados os Jogos Olímpicos em Atenas na Grécia, a pátria dos Jogos Olímpicos da Antiguidade.

3 O modelo de contagem de medalhas, por exemplo, é diferente em cada país, de acordo com seus interesses particulares. Da mesma forma, modalidades esportivas diferentes são mais ou menos valorizadas, de acordo com a cultura do país. Dessa forma, algumas medalhas e alguns resultados são mais importantes do que outros.

4 Consideram-se como atores sociais indivíduos, grupos sociais (a partir de diferentes processos indenitários, inclusive os de nacionalidade) e instituições, cuja dinâmica interna de construção da identidade – a concepção que a sociedade faz desse atores e que os atores fazem de si mesmo em relação ao mundo social – interage com o significado dado a eles nos processos de comunicação mediada.

5 A China, ou o Império do Meio/ *Zhong Guo*, é possivelmente o país com a mais longa história contínua, cuja cultura e importância influenciou países vizinhos, como a Coreia, o Japão e a península da Indochina. A esse império são atribuídas também importantes descobertas científicas, como a invenção do papel, a descoberta da seda,

do magnetismo e da bússola, da pólvora, dos caracteres móveis, que permitiram a impressão de livros, e a acupuntura. O nome atual do país está ligado ao imperador Qin Qi Huang, que unificou a China, e recebeu esse do ocidente pela leitura do seu apelido Qin (Chin ou China).

6 Essa informação foi dada, durante a própria narração do desfile, como forma de justificar a ausência de alguns atletas.

7 Termo utilizado pelos narradores para definir países ou nações ainda em busca de autonomia ou reconhecimento internacional.

8 Menor em número de atletas apenas do que a delegação chinesa.

9 Os “valores notícias” determinam a hierarquia de interesses previsíveis para a edição do material jornalístico. Ou ainda, “valores notícias” são critérios – ou valores – que podem ser avaliados de modo rápido e prático pelos jornalistas – para determinar se uma informação tem ou não as qualidades necessárias para adquirir vida pública como material jornalístico. São “valores notícias”, por exemplo, a quantidade de pessoas envolvidas em um fato, a proximidade.

10 Ainda que esse texto não tenha como objetivo definir o conceito de jornalismo de espetáculo, é importante destacar que autores como Amaral (1987, p.24) entende que “entreter é uma das funções psicossociais da imprensa. Da mesma forma, autores como Aguiar e Djavite também tem-se debruçado na relação entre o jornalismo e o entretenimento e sobre o gênero jornalismo de entretenimento.

11 Bourdieu se refere especificamente à informação jornalística, à notícia e à reportagem, mas a afirmação cabe também a respeito da transmissão dos grandes eventos uma vez que essa transmissão usa recursos jornalísticos e também trabalha na divulgação de informações.

12 O uso do termo remete ao conceito de Olimpianos, denominação usual, utilizada pelo pesquisador Edgard Morin (1977). Os olimpianos se tornam modelos de vida e proporcionam o ao receptor o mito da autorrealização (identificação) e a partir do qual as opiniões e modismos são assimilados pelo público.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel de Azevedo. Entretenimento: valor notícia fundamental. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Ano V. n.1. jan/jun. 2008. p. 13-23.

BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.

BOURDIEU, P. *Sobre televisão: seguido de A influência do jornalismo e Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CAPARELLI, S. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 238.

DJAVITE, Fábila Angélica. Infoentretenimento nos impressos centenários brasileiros. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Ano V. n.1. jan/jun. 2008. p. 37- 48.

FEUER, Jane. *Genre study and television*. In: ALLEN, Robert C. *Channels of discourse: TV and contemporary criticism*, University of North Carolina Press, 1987.

JOST, François. *Seis lições sobre televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEVER, J.A *loucura do futebol*. São Paulo: Record, 1983.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massa no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. Vol.I.

_____. *Cultura de Massa no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. Vol II.